

O PENSAMENTO MORAL DE LEÔNCIO ALFREDO FERREIRA

António Aresta

Escola Secundária de Paredes
R. António Araújo, 4580 Paredes
255 782 127 | geral@esparedes.pt

Resumo: Leôncio Alfredo Ferreira [1849-1920], natural de Macau, educado pelos jesuítas e formado em Goa, desempenhou diversos cargos de relevo no Território.

É um pensador com uma visão cristã e mística da vida, onde uma leitura essencialista dos imperativos categóricos resguarda o agir humano, perante a desilusão amarga pela decadência da sociedade. Leôncio Ferreira filosofa sobre o desenvolvimento humano, sobre a ética do ser e a moralidade do estar.

Palavras-chave: Leôncio Alfredo Ferreira, Macau, ética.

Abstract: Leôncio Alfredo Ferreira [1849-1920], a native of Macao, educated by the Jesuits and educated in Goa, he held several important positions in the Territory.

He is a thinker with a Christian and mystical view of life, where an essentialist reading of categorical imperatives safeguards human action in the face of bitter disillusionment over the decay of society. Leôncio Ferreira philosophy on human development, on the ethics of being and the morality of being.

Keywords: Leôncio Alfredo Ferreira, Macao, ethics.

Quem faz gala de permanecer no engano, rebela-se contra os ditames da própria razão
 Leôncio Alfredo Ferreira
 Da visão radiosa para a visão tenebrosa oscila o pensamento do homem às mãos com o
 Destino.
 Leonardo Coimbra

Afora uma discreta placa toponímica, a memória da vida e obra de Leôncio Alfredo Ferreira¹, um macaense de velha linhagem, parece ter-se esvaído no tempo. Não fora, mais uma vez, a proverbial intervenção de Monsenhor Manuel Teixeira² e as suas obras estariam irremediavelmente perdidas.

Aluno brilhante no Seminário de S. José³, Leôncio Ferreira conclui os seus estudos superiores de jurisprudência e de direito em Goa. Nunca chegou a exercer o mister de advogado porque o seu feitio não se casava lá muito bem com os trabalhos forenses. Contudo, serviu a sua terra e os interesses portugueses em diversíssimas funções [Procurador dos Negócios Sínicos, Cônsul de Portugal em Xangai, Professor na Escola Municipal, Administrador do Concelho, Vereador do Leal Senado, Presidente da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, no Conselho da Província ou no Conselho Inspector de Instrução Pública] ao longo dos anos. Enquanto Administrador do Concelho de Macau teve uma intervenção directa na delicada gestão política, moral e religiosa do grave incidente do qual resultou a morte do coronel Vicente Nicolau de Mesquita, tendo publicado um importante documento, “*Relatório do Administrador de Macau sobre a Trágica*

¹ Leôncio Alfredo Ferreira, filho de João Euletério Ferreira e de Maria Galdina Fernandes, nasceu em Macau no dia 22 de Maio de 1849, na freguesia da Sé. Foi condecorado com a Antiga e Mui Nobre Ordem da Torre Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, no grau de Oficial. Recebeu um Louvor da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Faleceu no dia 6 de Janeiro de 1920, na sua residência na Rua da Praia Grande. Para a genealogia da sua Família, consulte-se Jorge Forjaz, *Famílias Macaenses*, edição do Instituto Cultural de Macau\Fundação Oriente, Vol. I, 1996, pp. 1077-1081.

² Emérito historiador de Macau, Monsenhor Manuel Teixeira (1912-2003) publicou as obras de Leôncio Alfredo Ferreira na *Galeria dos Macaenses Ilustres do Século XIX*, Imprensa Nacional, Macau, 1942, pp. 449-565.

³ O Real Seminário de S. José foi fundado em 1728. Monsenhor Manuel Teixeira, na *Galeria dos Macaenses Ilustres do Século XIX*, cita na página 466, uma notícia do jornal ‘A Correspondência de Portugal’, de 13 de Maio de 1870, onde se faz eco da fama da instituição: “Em rethorica discorreram os alunos Leoncio Ferreira, Theodosio Rodrigues, João dos Remedios, Constantino Lopes, Eugenio Lopes, José Fernandes Junior. Em todos os anos seguintes repetiram-se os exames públicos nas mesmas matérias e épocas, e a distribuição dos prémios, sempre feita com grande solemnidade, concurso e aplauso das primeiras auctoridades e principaes moradores de Macau, os quaes e os portuguezes residentes em diversos pontos da China teem contribuído com objectos e valiosos donativos para os mesmos prémios”.

*Morte do Coronel Reformado, Vicente Nicolau de Mesquita, Ocorrido na Noite de 19 de Março de 1880*⁴. O conflito entre a ética civilista e militar e a moral cristã poderia ter trazido graves problemas à ordem pública, tendo o incidente sido encerrado anos depois, e um pouco antes da instauração da regime republicano, no dia 25 de Junho de 1910, pelo Bispo D. João Paulino de Azevedo e Castro⁵.

O pensamento de Leôncio Alfredo Ferreira não deve ser dissociado do específico contexto histórico e cultural de Macau, território que foi o primeiro e mais duradouro ponto de contacto entre o Oriente e o Ocidente. Nesse pequeno enclave, portugueses e chineses protagonizaram um encontro de culturas, com a fusão de saberes e de sabores, para além a inevitável mistura de sangues e de afectos. Desde o século XVI que esse devir está aberto a um futuro que se tem revelado sempre misterioso na longevidade dos seus meandros resolutivos.

Carlos Montalto de Jesus, um grande e injustiçado historiador, escreveu no prefácio à edição de 1926 do seu icónico livro, *Macau Histórico* esta duríssima asserção :

Não se deve menosprezar o facto de que Macau se manteve, durante três longos séculos, como brecha privilegiada na grande muralha do exclusivismo da China, sabendo enfrentar com eficiência as pressões de sucessivos governantes das profundezas. E para manter essa posição de privilégio, para ultrapassar muitas crises, tornadas ainda mais cruciais por uma sistemática negligência e desgoverno, dura foi, na verdade, a luta contra o incontrolado mandarinato e contra, também, os insidiosos desígnios de várias potências marítimas que cobiçavam a colónia. Grandes foram os castigos causados por uma firme lealdade à Pátria, que chegaram a uma entrega de mártir à causa do cristianismo no Oriente, e sempre em circunstâncias das mais trágicas⁶.

É nesta ilha de conflitualidades que Leôncio Ferreira irá desenvolver o seu idealismo confusamente místico para uma vida sinceramente estimável.

Na Procuratura dos Negócios Sínicos compreendeu muito bem a simetria dos diversos poderes, com as respectivas ameaças persuasivas quando estava em perigo a razão de Estado, isto é dos dois Estados, nem sempre coincidentes.

⁴ Processo nº 115, Repartição Civil dos Serviços de Administração do Concelho, republicado em Monsenhor Manuel Teixeira, *Galeria dos Macaenses Ilustres do Século XIX*, idem, pp. 468-470.

⁵ “Sentença proferida no processo instaurado no Juízo Eclesiástico de Macau para reabilitação da memória do coronel reformado Vicente Nicolau de Mesquita falecido em 20 de Março de 1880”, in , *Textos de D. João Paulino. Provisões e Outros Escritos*, Vol. I, coordenação do Padre Tomás Bettencourt Cardoso, Edição da Fundação Macau, 1997, pp. 291-314.

⁶ C. A. Montalto de Jesus, *Macau Histórico*, primeira edição portuguesa da versão apreendida em 1926, introdução de Carlos Estorninho, Ed. Livros do Oriente, Macau, 1990, p. 19.

Leôncio Ferreira estava convicto de que a decadência de Macau se ficava a dever à própria decadência das pessoas :

Desperdiçamos demasiadamente o nosso tempo e energia em questões de *lana caprina* , em malquerenças partidárias, em intrigas e insinuações cobardes e muitas vezes indecentes até, e em questões de interesse puramente particulares, em lugar de estudarmos seriamente a nossa posição com o fim de a melhorar e de pôr um dique ao progresso do nosso empobrecimento.(...) É necessária a união para promover uma educação e instrução apropriadas para os filhos desta terra⁷.

Estas ideias veiculava-as Leôncio Ferreira em 1872, precisamente quando tomava a defesa dos sacerdotes jesuítas que tinham sido expulsos de Macau. O seu livro, *Um Brado pela Verdade ou a Questão dos Professores Jesuítas em Macau e a Instrução dos Macaenses*⁸, é um verdadeiro libelo pela liberdade de ensino e um dos mais importantes documentos da história da educação de Macau⁹.

Foi uma posição reveladora de uma grande coragem que desejaria que fosse tomada como uma advertência moral para uma sociedade aparentemente adormecida. Estava em causa o controle político do conglomerado de escolas com orientação religiosa, num processo similar ao que acontecia em Hong Kong¹⁰ e também em Portugal¹¹.

De resto, parece ser plausível que de Portugal tenham chegado, nos navios, a pouco e pouco , algumas novidades : a *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*, de Pedro de Amorim Viana (1866), as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, de Antero de Quental (1871) ou *A Ideia de Deus*, de Sampaio Bruno (1902). Mas

⁷ *Um Brado pela Verdade ou a Questão dos Professores Jesuítas em Macau e a Instrução dos Macaenses*, p. VI.

⁸ Typographia Mercantil, Macáo, 1872, 100 pp. . Esta obra foi reeditada em parte, em *Documentos para a História da Educação em Macau*, Volume I , organização, introdução e notas de Albina Santos Silva, António Aresta e Aureliano Barata, prefácio de Jorge Rangel, edição da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1996, pp. 14-31. Uma cópia digital, integral e livre, desta rara publicação, pode ser encontrada na Cornell University Library, New York \ Charles William Wason Collection.

⁹ Duas visões complementares : Padre Manuel Teixeira, *A Educação em Macau*, Ed. Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, Macau, 1981 ; Aureliano Barata, *O Ensino em Macau, 1572-1979*, Ed. Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1999.

¹⁰ Anthony Sweeting, *Education in Hong Kong, Pre-1841 to 1941*, Hong Kong University Press, 1990, pp. 208-211.

¹¹ José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas. Em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI a XX)*, Gradiva, 2 volumes, 2006\2007.

estavam lá outras obras improváveis¹², capazes de mobilizar a atenção de todos os que dominavam a língua francesa.

E um dos Professores expulsos era Francisco Xavier Rondina¹³, filósofo de grande envergadura intelectual e o responsável máximo pelo ressurgimento do neotomismo em Portugal.

Deixou marcas indeléveis na estruturação mental e educacional em Macau, graças sobretudo ao magistério que exerceu no Colégio de S. José. Na introdução ao primeiro volume do *Compêndio de Philosophia Theorica e Practica para Uso da Mocidade Portuguesa na China*, Francisco Rondina apresenta um programa :

A moderna filosofia, desviada do rumo que o cristianismo lhe trilhara, se foi encostando, ora ao materialismo que embrutece o homem, ora ao racionalismo que o diviniza, flutuando incerta entre estes dois sistemas fatais, como entre Cila e Caribdis, até que o horror do naufrágio que iam fazendo os primeiros princípios que servem de base à moral, à religião e à política, a vista do abismo para o qual os sistemas sensualistas arrastavam a sociedade, o vácuo desolador do cepticismo, o absurdo e a impiedade do panteísmo lhe fizeram abrir os olhos para conhecer o errado caminho que levava. Desde então começou a filosofia a entrar pouco a pouco na vereda da verdade, que está sempre no meio – *in medio stat veritas* – procurando evitar os dois extremos opostos, contra os quais tinha esbarrado¹⁴.

Sobre a educação moral, procurou ser claro e arguto :

Dedicados à educação da mocidade, julgamos que era nosso dever, não só promover o progresso científico, mas também o progresso moral dos jovens ; e para isso achamos necessários dois expedientes, a saber : preservar a mocidade de todo o erro em matéria de moral e de religião, premunindo-a contra o contágio de perversas doutrinas, que por toda a parte a impiedade moderna semeia, coberta sob o manto hipócrita da filosofia ; e em segundo lugar dirigir o coração da mocidade, naturalmente inclinado para tudo o que é sensível, para um bem superior, qual é o racional¹⁵.

¹² Por exemplo, *Les Plaisirs en Chine*, Général Tcheng-Ki-Tong, Paris, G. Charpentier et C^a, Éditeurs, 1890.

¹³ Francisco Xavier Rondina (1827-1897), sacerdote jesuíta e escritor. Entre as suas obras destacam-se, *A Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo Reivindicada Contra Ernesto Renan (1864)*, *Compêndio de Philosophia Theorica e Practica Para Uso da Mocidade Portuguesa na China (1869\1870)*, 2 vols., ou *A Educação (1887)*. Sobre o autor, António Aresta, *Francisco Xavier Rondina*, *Jornal Tribuna de Macau*, 18-11-2010.

¹⁴ *Typographia do Seminario de S. José*, Vol. I, 1869, p. I.

¹⁵ *Idem*, Vol. I, p. III.

A exaltação da vida activa estava estruturalmente associada aos bons exemplos, em linha , por exemplo, com o pensamento do Rei D. Duarte, expresso no *Leal Conselheiro*¹⁶.

Leôncio Ferreira defende o filósofo Francisco Rondina do modo mais simples e mais compreensível:

E o que diremos da sua aprimorada obra de filosofia racional, que ele escreveu, sendo estrangeiro, em a mais pura e correcta linguagem portuguesa, para os jovens macaenses que desejassem estudar esta ciência ; obra que já tem sido muito elogiada por alguns jornais do reino, de um modo tão brilhante quanto honroso para o seu autor?¹⁷.

Mas defende com muito mais veemência o perfil moral e intelectual de Francisco Rondina :

Foi o p. Rondina quem sugeriu a iniciativa de abrir um asilo dos órfãos no seminário, e foi um dos mais infatigáveis em promover os meios de sustentar estes inocentes desvalidos. Foi o p. Rondina director incansável, por alguns anos, do ensino e dos alunos do seminário. Foi o p. Rondina quem introduziu em Macau os exercícios espirituais para os jovens e para os seculares em geral, o que tem produzido um imenso bem espiritual. Foi o p. Rondina quem promoveu as romarias para o sepulcro do grande Apóstolo do Oriente, S. Francisco Xavier, na ilha de Sanchoão. Foi o p. Rondina quem mandou vir de Lisboa o professor de desenho e de pintura, o sr. Ferreira, que tão útil tem sido a Macau, e que tantos discípulos deixou. Foi o p. Rondina quem fez vir de Roma o maestro Luigi Antinori, para aqui introduzir o bom e verdadeiro gosto pela música. Foi o p. Rondina quem animou vários jovens a seguirem as profissões liberais. Foi o p. Rondina director espiritual do colégio das irmãs de caridade, desde a sua fundação. Estes e outros serviços que poderíamos enumerar, foram prestados por ele com o maior desvelo e amor e com todo o desinteresse¹⁸.

Como se observa, a intervenção de Francisco Rondina foi transversal a toda a comunidade de Macau, não sendo fácil encontrar outra figura que possa equiparar-se a qualquer nível, seja ele religioso, assistencial, cultural ou filosófico.

¹⁶ D. Duarte, *Leal Conselheiro*, notícia histórica e literária, selecção e anotações de F. Costa Marques, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1942, p. 32.

¹⁷ *Um Brado pela Verdade ou a Questão dos Professores Jesuítas em Macao e a Instrução dos Macaenses*, Macáo, Typographia Mercantil, 1872, p. 19.

¹⁸ Idem, idem, pp. 19-20.

Francisco Rondina veio para deixar uma viva escola axiológica, com discípulos activos. E Leôncio Ferreira será talvez o mais importante deles.

Em termos institucionais, e para além do Seminário de S. José, a filosofia era ensinada em Macau no Liceu¹⁹, uma instituição fundada em 1893 e que abriu as portas em 1894. Vale a pena observar, em contraponto, o lugar e o papel da moral no interior dos vários programas oficiais do ensino da filosofia : 1- No Programa de 1895²⁰ : “Moral. Noção e divisão da moral. Moral teórica; moral prática. Princípios da moral. A consciência moral. O bem. O dever. Análise da consciência moral. Natureza da consciência moral. Sua autoridade. Caracteres do bem. O bem ideal e o bem moral. Caracteres e fundamento do dever. Exame das doutrinas utilitaristas. Doutrinas de Bentham, de Stuart Mill, de Spencer. Exame das doutrinas sentimentalistas. A responsabilidade. Natureza e condições da responsabilidade. Mérito e demérito. Graus e limites da responsabilidade. Sanções da lei moral. Os deveres. Divisão dos deveres : para conosco , para com os nossos semelhantes, para com a família, para com o estado e a pátria, para com os superiores, para com Deus. O direito. Caracteres do direito. O princípio do direito. Formas particulares do direito. Relação entre a moral e o direito” ; 2- No Programa de 1905²¹ : “O problema moral. O bem e o mal. Análise da consciência moral e da ideia de dever. Critério objectivo da moralidade dos actos humanos. Conhecimento dos principais sistemas sobre o fundamento da obrigação. Liberdade, imputabilidade e responsabilidade. A doutrina da escola de antropologia criminal sobre este problema. Limites e condições da responsabilidade. Sanção da lei moral. O problema religioso. Existência de uma ordem sobrenatural como razão e complemento da ordem natural. Deus. Concepções filosóficas sobre a existência e atributos divinos. A Providência. A Religião. As Religiões” ; 3- Programa de 1918²² : “Da moral e da moralidade. Génese dos sentimentos e dos princípios morais. Temperamento e carácter, suas determinantes e suas classificações. Sentimento da

¹⁹ Monsenhor Manuel Teixeira, *Liceu de Macau*, Ed. Direcção dos Serviços de Educação, Macau, 3ª edição, 1986 ; António Aresta e Aureliano Barata, *Lyceu Nacional de Macau, Genealogia de Uma Escola*, prefácio de Albina Santos Silva, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1996.

²⁰ António Pedro Mesquita e Maria Luísa Ribeiro Ferreira, coord., *Ensino Público da Filosofia. Perspectivas Programáticas e Ideológicas*, Ed. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014, p. 176.

²¹ Idem, idem, pp. 179-180.

²² Idem, idem, pp. 180-181.

personalidade. Da moral individual, familiar e social. Bosquejo dos principais sistemas de moral e sua crítica sumária. Elementos comuns aos vários sistemas. Conclusão : obrigações e sanções correntes na sociedade contemporânea. Leituras de trechos de autores filosóficos : Xenofonte , Platão, Aristóteles, Epitecto, Marco Aurélio, Séneca, S. Tomás, Descartes, Pascal, Malebranche, Spinoza, Montesquieu, Kant, Comte, Stuart Mill, Spencer, Bergson” ; 4- Programa de 1919²³ : “Moral. A consciência e o dever. Carácter da lei moral. Modos diversos de propor o problema ético. Os sistemas de moral. Responsabilidade e sanção. A moral e o direito. A moral e a religião. A moral como ciência normativa. Os deveres fundamentais”.

As oscilações metodológicas na didáctica da moral dependeriam em boa medida da qualidade dos manuais escolares adoptados visto que os professores de carreira e com formação especializada era muito escassos ou mesmo inexistentes. De que valiam as pautas canónicas sem gente à altura?

Por outro lado, importa perceber até que ponto a filosofia oriental, em termos latos, foi recepcionada pela cultura portuguesa. Pedro de Amorim Viana refere um desconhecimento talvez recíproco:

Fora de Portugal seria portanto impossível negar a filosofia ; aqui é desculpável fazê-lo. A grande ciência nunca se radicou no nosso solo ; a daí a instabilidade da nossa obra gloriosa. Devassamos os extremos do Oriente ; mas os povos que subjugamos pelas armas, ficaram para nós um mistério. Faltava-nos a ideia superior, que explica e concilia as crenças e as instituições. O bramanismo permaneceu para nós um livro; toda a história oriental pareceu-nos um caos de incoerentes tradições²⁴.

*A Colecção de Vários e Salutares Pensamentos, Colhidos Dia a Dia de Várias Leituras Espirituais*²⁵, apontamentos datados de 1901, e outros dois inéditos, *Notas e Impressões*²⁶, de 1902, e os *Apontamentos*²⁷, sem data, foram todos reeditados na contemporaneidade sob o título *Meditações*²⁸, sinalizam naturalmente outros caminhos para a reflexão moral.

²³ Idem, idem, p. 183.

²⁴ *Analyse do Curso Elementar de Philosophia de A. Ribeiro da Costa e Almeida*, Porto, Typographia do Jornal do Porto, 1864, pp. 5-6.

²⁵ Recolhidos por Monsenhor Manuel Teixeira, *Galeria dos Macaenses Ilustres do Século XIX*, idem, pp. 499-531.

²⁶ Monsenhor Manuel Teixeira, idem, pp. 533-560.

²⁷ Monsenhor Manuel Teixeira, idem, pp. 561-565.

²⁸ Organização, apresentação e notas de António Aresta, edição da Fundação Macau, 1998, 132 pp. .

Nesta obra, *Meditações*, para além do forte cunho religioso e de uma visão cristã e mística da vida, onde uma leitura essencialista dos imperativos categóricos resguardam o agir humano, encontramos a desilusão amarga pela decadência da sociedade.

Há uma difusa ressonância de leituras, por vezes apenas o *rigor mortis* das ideias cansadas, dos escritos de Boécio, de Séneca, de Santo Agostinho, de Santa Teresa de Jesus, de S. Tomás de Aquino ou de Platão. Talvez um pouco influenciado pela decadência nacional finissecular, cuja desesperança tomou conta da literatura a partir de 1870 e que se associava a uma mitologia de fim de século com temores ligados a narrativas eufóricas ou de mal estar. Em Portugal foi publicada toda uma literatura de índole moral²⁹, também virada para o ensino³⁰ e para a reflexão aplicada, para contrariar o tédio e a decadência. Mas outro género de relatos³¹ deixaram uma marca profunda no espírito de Leôncio Ferreira, acentuando um sentimento trágico da vida. Diz-nos ainda Monsenhor Manuel Teixeira que existia uma faceta peculiar do seu modo de vida, “em companhia de sua esposa, Ana Teresa Ferreira, passou o último quartel da existência, todo entregue à vida espiritual, em íntima união com Deus, fazendo a sua meditação diária, seguindo as *Meditações* do Venerável Padre de La Puente e tratando amiúde com os sacerdotes, que frequentemente o visitavam”³².

Este voluntário afastamento da vida mundana e social, que não de despojamento, tê-lo-á conduzido a uma cegueira axiológica que oscilava entre a culpabilidade e o temor e que carecia de uma resposta antropológica e filosófica que desse sentido à fragilidade e ao sofrimento do Outro. Derrogando o prazer sem humilhar a vida talvez pudesse encontrar a individualidade pregada por Schopenhauer.

²⁹ Apenas uns exemplos : *Dialogos entre Uma Avó e sua Neta para uso das Creações de Cinco a Dez Annos de Idade*, por D. Mathilde de Sant’Anna e Vasconcellos Moniz Bettencourt, aprovados pelo Conselho Geral de Instrução Publica, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862 ; *O Livro das Famílias Christãs. Mosaico de Leituras Amenas e Instructivas, escolhidas, compostas ou trasladadas*, pelo Reverendíssimo Cónego Dr. Costa Pinto, Livraria Santos, Porto, 2ª edição, 1875.

³⁰ Sobre a poesia e a reforma moral, veja-se Margarida Vieira Mendes, “O Conceito da Poesia na 2ª Metade do Século XIX à Luz dos Prefácios de então – Persistência do Romantismo”, in Vários, *Para uma História das Ideias Literárias em Portugal*, ed. Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1980, pp. 65-67.

³¹ P. João Pinto Gomes, *Breve Relação de uma terrível perseguição contra a Santa Religião Catholica, e seus operários, sucedida no Imperio da China na Corte de Pekim, em 1805, composta por testemunha ocular, com huma breve noticia das cousas mais notáveis daquele famoso imperio*, Porto, Typographia Vasconcellos, 1839, 76 pp. .

³² *Galeria dos Macaenses Ilustres do Século XIX*, idem, p. 474.

A aceleração histórica, visível quer nas tragédias protagonizadas por Ferreira do Amaral e Vicente Nicolau Mesquita, quer no expansionismo imperial europeu no extremo oriente, contribui muitíssimo para uma derrocada dos valores.

A indefinição política resultante dos Tratados com a China, de 1862 e 1887, sobre a própria existência de Macau, induziram novos factores de desânimo, de descrença e de desprestígio. Leôncio Ferreira apropria-se de algumas das perplexidades do pedagogo Francisco Xavier Rondina³³ sobre a desagregação moral da juventude de Macau, recusando-se a aceitar uma solução fora do contexto da religião, da ética da formação moral e dos costumes.

A sua visão pessoal dos problemas que afligiam Macau não era suficientemente diversificada para sublinhar as conturbadas dimensões da modernidade, que vinham desde a encíclica *Aeternis Patris*, de Leão XIII, de 4 de Agosto de 1879, com o amanhecer do positivismo e do naturalismo científico, ou, ainda, com os problemas que resultaram da definição territorial do Padroado Português do Oriente no quadro da monarquia constitucional.

Não há sinais de ter tomado uma posição pública aquando da ruidosa polémica sobre o darwinismo³⁴ cujo estilo geométrico agitou Macau e Hong Kong, o que não deixa de ser estranho até porque tinha defendido corajosamente os professores jesuítas que tinham sido expulsos. A decadência, era, pois, uma obsessão, porque “os filhos do século são muito hábeis para atingir os seus fins, ainda quanto o fim que se propõem os conduza à perdição. Mas só quando se trata de se salvarem é que se hão-de mostrar ineptos! Como é isto possível?!...”³⁵. O Conde de Arnoso no seu trajecto para Pequim fez, inevitavelmente, uma paragem em Macau

³³ A título de exemplo : “Em nossos dias não há quem amargamente não deplora a decadência moral da geração nova ; mas quando se trata de assinar as causas, ou indicar a origem de tão grande mal, cada qual procura desculpar-se, lançando a culpa aos outros ; o governo aos pais de família e estes ao governo. A verdade porém é que tanto um como outros deveriam julgar-se igualmente culpados ; o governo por não remover, antes favorecer as causas públicas e sociais dessa depravação, e os pais de família, porque, descurando muitíssimas vezes a educação dos filhos, concorrem também para a morte moral da mocidade”, *A Educação*, Typographia do Seminário, Macau, 1887, p. 5.

³⁴ O corpus da polémica é constituída pelas obras seguintes : *Sermão Pregado na Sé Cathedral de Macau na Primeira Domingo de Quaresma em 6 de Março de 1881, no qual sam refutados alguns pontos do systema darwiniano, com referencia ao homem e à religião catholica*, por António Maria Augusto de Vasconcellos, Macau, Typographia Mercantil, 1881 ; Peregrino António da Costa, *Análise do Sermão pregado pelo reverendíssimo senhor António Maria Augusto de Vasconcellos na Sé Cathedral de Macau em 6 de Março de 1881*, Hongkong, 1881 ; Peregrino António da Costa, *De feza do Darwinismo : refutação d'um artigo do Jornal 'Catholic Register'*, Hongkong, 1880. Neste opúsculo está uma longa carta de Lourenço Pereira Marques sobre o problema em apreço ; Lourenço Pereira Marques, *A Validade do Darwinismo*, Hongkong, International Printing Office, 1882.

³⁵ *Meditações*, idem, p. 42.

apercebendo-se da complexidade dos problemas³⁶ que então se viviam em 1895 e da desmoralização das elites.

A própria situação económico-social, política e cultural de Macau era incapaz de gerar bolsas de sobrevivência e mais valias para um desenvolvimento económico rápido. Descapitalizada, com níveis de instrução muito baixos, com uma taxa de mortalidade elevada, restavam, aparentemente, duas alternativas, o auxílio do reino e a emigração para as colónias e feitorias circunvizinhas. Do reino veio uma mão cheia de nada e outra de inquietações; a emigração, essa foi caudalosa e com os anos o Território ficou exangue. O pasmo aristocrático com que olhou para todas essas incongruências, mostra que o afastamento da política foi uma decisão ponderada e definitiva.

Leôncio Ferreira filosofa sobre o desenvolvimento humano, sobre a ética do ser e a moralidade do estar. Às vezes, com brilho e com originalidade, quando discorre sobre a liberdade e a fé:

Há obrigação de confessar a fé na presença dos tiranos, apesar das ameaças e dos suplícios. Teriam valor para fazerem esta confissão aqueles que se envergonham de que os tenham por devotos? Coisa estranha! Ninguém quereria morrer com uma fé titubeante, e em geral vive-se com uma fé morta. Quando se examinam de perto os nossos costumes, poder-se-á formar uma grande ideia da nossa fé?³⁷

Outras vezes, preferindo a segurança dos valores e dos saberes eternos, essas virtuosas sensaborias quase académicas, cuja apologética servida por uma mística exacerbada parece ter sido bebida no melhor estilo de alguns enigmas das *Confissões*, de Santo Agostinho, por exemplo, “Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-te que não havia tempo”³⁸. Apontou, sempre, como Francisco Xavier Rondina, que a

³⁶ No livro *Jornadas pelo Mundo*, publicado no Porto pela Companhia Portuguesa Editora, em 1916, deixa esta informação: “Em Macau havia famílias muitíssimo ricas, essas riquezas porém desapareceram com a proibição da emigração dos culis e o terrível tufão de 1874 seguido de inundações, de incêndios e de roubos.(...) Fala-se ainda hoje, como dum sonho, do luxo desse tempo, em que as senhoras se faziam acompanhar aos bailes pelas suas aias para mudar de *toilette* três vezes durante a noite! Casas havia em que se punham nos sobrados cubos de ouro maciço para as portas não baterem contra os rodapés das paredes. No teatro lírico, nas noites de benefício das *prima-donnas* o entusiasmo não se traduzia apenas numa chuva de flores. Atiravam-se para o palco colares de pérolas, adereços de brilhantes, de safiras e rubis. Ganhava-se muito dinheiro quase sem trabalhar; gastava-se à farta; ninguém pensava no dia seguinte, passando ricos e remediados uma vida de verdadeiros nababos ociosos!”, pp. 145-146.

³⁷ *Meditações*, idem, p. 35.

³⁸ Santo Agostinho, *Confissões*, Livro XI, Edição Livraria Apostolado da Imprensa, 11ª edição, 1984, p. 303 [tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina; prólogo de Lúcio Craveiro da Silva].

decadência de Macau se ficou a dever à negligência na educação e na formação pessoal e social. Contudo, o seu horizonte de problematização ia um pouco mais além:

Forma um conceito cabal da verdadeira sabedoria ; e convence-te de que somente são verdadeiros sábios aqueles que sabem salvar-se. Não te governes de hoje em diante por outro princípio ; e assim, quando tenhas de empreender algum negócio importante, quando tenhas de parecer sábio ao mundo, quando tenhas de determinar qualquer cousa, nunca deixes de perguntar a ti mesmo : - o que é que à minha salvação, o que é que à minha religião, interessa nesta empresa, neste negócio, neste empenho?³⁹

É um esforço reformista que necessita de ser levado em linha de conta porquanto é a primeira bandeira moral a ser erguida contra o esquecimento dos valores tradicionais. Tudo em nome da educação e da falta de educação católica, apostólica romana. É um diálogo íntimo, dilacerado e sofrido por um amor cristão cuja retórica não é o melhor instrumento cognitivo para acompanhar compreensivamente as mudanças:

És jovem ? És moço ? E, porventura, Deus pede-nos unicamente os anos, os dias da velhice ? És rico ? Estás bem colocado, és homem distinto ? Logo é mister que vivas no pecado ? Logo é mister que prossigas em ofender a Deus ? Logo é mister que menosprezes a graça divina ? causam horror estas consequências. E não é assim que discorre quem difere a conversão com tão frívolos pretextos ? Não te queres converter hoje ? Tão pouco te converterás amanhã. Quanto mais adiante vás, tanto maiores dificuldades hás-de ter a vencer. Se hoje as paixões, o interesse e os respetos humanos são teus senhores, amanhã serão teus tiranos⁴⁰.

O mundo real oferecia experiências vibrantes e apelativas, sobretudo para os mais jovens enredados num *behaviourismo* de contornos irresistíveis. Luís Gonzaga Gomes⁴¹ ao relatar o fausto cosmopolita da vida quotidiana em Macau há cem anos detinha-se no pormenor das festas, dos bailes e dos grandes banquetes que atraíam as elites portuguesas de Macau e inglesas de Hong Kong e também os extatriados de origem americana, francesa ou alemã. E qual era o juízo de valor formulado por Leôncio Ferreira ? Era assim , contundente:

³⁹ *Meditações*, idem, p. 43.

⁴⁰ *Meditações*, idem, p. 84.

⁴¹ *Macau, Factos e Lendas*, edição da Quinzena de Macau, Lisboa, 1979, pp. 25-31.

O baile deve ser proibido como escolho da inocência, como sepulcro onde se enterra o pudor, como teatro onde representam as vaidades, como campo onde triunfam todas as paixões ; o baile é um conjunto de todos os perigos, um compêndio de todas as tentações ; tudo ali é risos, tudo é veneno, - os meninos, os instrumentos, os objectos, as conversações, etc. ; tudo ali concorre, para corromper o coração. Não há coisa mais contrária ao espírito do Cristianismo⁴².

Após esta crítica da metafísica do quotidiano, não era o niilismo que se aproximava?

O peso da dimensão oriental, os estudos superiores em Goa, que influências terão deixado no seu espírito curioso e inquieto ? Por outro lado, Leôncio Ferreira era fluente na língua chinesa, e é de admitir que tenha tido um conhecimento, com maior ou menor proximidade, dos clássicos chineses de filosofia e de literatura. E um dos clássicos era a *Amplificação do Santo Decreto*⁴³, do Imperador Yongzheng, primorosamente traduzido por Pedro Nolasco da Silva, em 1903 , e onde se evidencia a força do neoconfucionismo. E com uma enorme difusão em Macau. Em 1909 Manuel da Silva Mendes publica *Lao Tse e a sua doutrina segundo o Tao Te King*, abrindo à cultura portuguesa o taoísmo filosófico.

Em Leôncio Ferreira podemos detectar certas similitudes com algumas obras matríciais de Confúcio e Lao Tse, patentes em dois breves e esquemáticos mapas conceptuais que se encontram em anexo. O bom senso, o humanismo cristão e algum socialismo espiritual⁴⁴ abalam o seu espírito conservador e naturalista.

Anexo I

<i>Prática da Perfeição</i> [Daow-Tc Keq] , de Laoutsi Versão do Padre Joaquim Guerra, SJ Ed. Jesuítas Portugueses, Macau, 1987	<i>Meditações</i> , de Leôncio Ferreira Apresentação e Notas de António Aresta Ed. Fundação Macau, 1998
Eu tenho três tesoiros que fielmente guardo ; o primeiro é o Amor ; o segundo é a Moderação ; o terceiro, o não me atrever a fazer de primeiro no mundo. [p. 356].	A oração é o remédio universal de todos os males. [p. 19].
Deus é invisível, e não se exprime com palavras. Em todo o caso, é Ele que bondosamente nos perdoa e reconcilia. [pp. 243\244].	Não há na terra felicidade verdadeira senão ao serviço de Deus. Fomos criados somente para conhecer, amar e servir a Deus. Logo não podemos ser felizes, senão servindo ao mesmo Deus. Qualquer outra felicidade é quimérica ;

⁴² *Meditações*, idem, pp. 17-18.

⁴³ Imperador Yongzheng, *Amplificação do Santo Decreto*, versão portuguesa e organização de Pedro Nolasco da Silva, prefácio de António Aresta, edição fac-similada, Fundação Macau, 1995.

⁴⁴ Conceito introduzido por Ana Cristina Alves em *Uma Viagem de Muitos Quilómetros Começa por um Passo. Crónicas da China*, COD, Macau, 2004, pp. 139-143.

O caminho de Deus é vencer sem contendias ; ser bem obedecido, sem dar ordens ; sem chamar, virão por si. Suavemente, consegue o que quer. [p. 380].	todo aquele que a busca fora de Deus, caminha na ilusão ou no erro. [p. 21].
Onde faltou a perfeição, veio a virtude ; onde faltou a virtude, veio o humanismo ; onde faltou o humanismo, veio a obrigação, e onde faltou a responsabilidade, ficou a cortesia. [p. 229].	A verdadeira virtude não é privativa dos claustros nem está divorciada com os que deveras a buscam no meio do indispensável tráfego do mundo. [p. 25].
Por meio de boas obras, conseguir o dom do além, não deixando que fiquem restos de culpas da vida presente, é revestir-se de eternidade. [p.284]	Em vida vêem-se as cousas a uma falsa luz ; para as ver, como elas são, é mister contemplá-las ao clarão da eternidade. [p. 33].
A fortuna e a miséria estão em nós. [p. 107].	Um libertino cheio de ouro é um libertino que brilha ; mas nem por isso é menos libertino. [p. 45].
Vestir vestidos de seda floreada ; andar sempre de espada afiada ; comer e beber à farta : ter dinheiro e bens de sobra : é o que se chama ser ladrão ; virtude é que não é. [p. 288].	A corrupção dos costumes segue de perto a falta de religião. [p. 92].

Anexo II

<i>Ditos de Confúcio</i> Tradução e Introdução de Daniel J.L. Carlier Ed. Jornal Tribuna de Macau, 2008	<i>Meditações</i> , de Leôncio Ferreira Apresentação e Notas de António Aresta Ed. Fundação Macau, 1998
Só os sábios e os idiotas é que nunca mudam. [p. 93].	Quem não muda de caminho não se converte. [p. 17].
Há rebentos que não dão flores e há flores que não dão frutos !. [p. 96].	O espírito de Deus é um espírito de paz. [p. 33].
Formar um novo saber depois de reler os Antigos é ter o dom de ensinar. [p. 44].	Não se pode amar deveras o que não se conhece bem. [p. 61].
O que é feito com dificuldade pode ser dito sem ambiguidade ?. [p. 94].	A piedade pode ser maltratada mas não perde jamais os seus direitos. [p. 71]
A pessoa de bem é como o vento ; a pessoa vulgar é como a erva ; quando o vento sopra a erva inclina-se. [p. 40].	Um culto que se contenta com meras exterioridades é mais uma impostura do que um verdadeiro acto de religião. [p. 87]
A lealdade, a confiança e a busca de equidade são os caminhos da virtude. [p. 64].	A humildade foi sempre a virtude universal de todos os santos. [p. 76].
A pessoa de bem tem dignidade mas não é altiva. A pessoa vulgar é altiva mas não tem dignidade. [p. 38].	O homem mais perfeito é aquele que tem menos faltas, é o mais humilde. [p. 65].

Anexo III

Relatório do Administrador de Macau sobre a Trágica Morte do Coronel Reformado, Vicente Nicolau de Mesquita, Ocorrido na Noite de 19 Março de 1880⁴⁵

Conquanto tivesse já verbalmente participado a S.Ex^a. o Governador o fatal e horroroso acontecimento que teve lugar na noite (às 12 horas pouco mais ou menos) de 19 do corrente em casa do Coronel reformado, Vicente Nicolau de Mesquita, isto é, o cruel assassinato da sua mulher e da filha mais nova, o ferimento grave, feito por arma de fogo praticado na pessoa do seu filho mais velho, e do ferimento da sua filha mais velha, e o suicídio dele (Coronel Mesquita) lançando-se num profundo poço situado no quintal da própria casa, contudo creio ser do meu dever comunica-lo

⁴⁵ Transcrito por Monsenhor Manuel Teixeira, *Galeria dos Macaenses Ilustres do Século XIX*, idem, pp. 468-470. Processo N^o 115 da Repartição Civil dos Serviços de Administração do Concelho, Série R.

deste meio, sendo certo que o faria mais cedo se não tivesse que cumprir com outras obrigações mais urgentes relativas a este mesmo assunto.

Não posso por enquanto descrever a V.Ex^a. minuciosamente estas cenas de horror pois que pensando mesmo nelas a minha imaginação exalta-se, e o meu espírito fica num estado tal de agitação que vejo na impossibilidade de o fazer e por que S. Ex^a. O Governador já as observou. Tomaram-se todas as medidas legais e preventivas que o caso pedia. Fez-se no seguinte dia à 1 hora da tarde o respectivo exame e auto do corpo de delito directo ordenado pelo Juiz de Direito desta Comarca, que ainda se acha em continuação. Pelas declarações dos feridos que se acham em tratamento no Hospital de S. Rafael, pelas informações dos criados da casa e dum outro filho do falecido Mesquita que se acha actualmente em casa do cidadão Teodósio José Rodrigues, combinados com várias outras circunstâncias que já são conhecidas de S. Ex^a. O Governador confirma-se o juízo que geralmente todos tem feito de que o autor do horrível crime acima referido fora o próprio Coronel Mesquita suicidando-se depois de o ter praticado.

Propala-se por aqui igualmente que os motivos por que o levaram a praticar esse horroroso crime, eram uns sérios desgostos domésticos com fundamento ou sem ele. S. Ex^a. O Governador já os sabe. Em virtude das ordens verbais que recebi de V. S^a. para que eu satisfizesse todas as requisições do Juiz de Direito, fiz conduzir para o Hospital de S. Rafael os três cadáveres – marido, mulher e filha – onde se fez a autópsia desta última⁴⁶, por alguém ter informado ao Juiz de que ela estava grávida. O exame deu resultado negativo. Não se tendo apresentado parente algum dos falecidos que se oferecesse para fazer o enterro, em virtude das mesmas ordens dadas por V. S^a. em nome do Exm^o. Governador, tive que tratar dele, em cuja consequência pedi à Comissão da Santa Casa da Misericórdia para o fazer mandando depois a conta das despesas todas a esta administração para ser enviado ao Juiz de Direito a fim de ser paga por conta do espólio. Estava já quase tudo pronto para o enterro que devia ter lugar ontem às 5 horas e meia da tarde, quando recebi uma carta do Presidente da Câmara dizendo-me que o cadáver do Coronel Mesquita não podia ser enterrado senão no lugar não bento do Cemitério, destinado para os não católicos e suicidas. Já eram quase duas horas da tarde. Na mesma ocasião procurou-me o Ver. Pe. Cura da Sé Catedral dizendo-me que não podia ele assistir ao enterramento do Coronel Mesquita, visto que as leis canónicas o proibiam, e que assistiria ao enterramento da mulher e da filha, no caso que não fosse acompanhado pelo do Coronel Mesquita, e que este não podia ter nenhuma honra eclesiástica. Dei disto tudo conhecimento a S. Ex^a. o Governador. Às três horas pouco mais ou menos, em vista do ofício de V. S^a., N^o 114, dei as convenientes ordens ao enfermeiro do Hospital, para se cumprir a determinação do Ver^o. Bispo desta Diocese. Para evitar conflitos e distúrbios fiz com que os cadáveres da mulher e da filha fossem enterrados às quatro horas da tarde com todas as honras eclesiásticas. Quando me dirigi para esse fim ao Hospital de S. Rafael, já ali se achavam alguns soldados, cabos e sargentos da guarda policial, alguns do corpo do Batalhão Nacional do Regimento, um Oficial da proa da Canhoneira Tejo, um enfermeiro do Hospital Militar e alguns cidadãos. Ao sair o enterro referido, quase todos foram acompanhá-lo, ficando apenas no Hospital alguns deles. Às quatro e meia horas pouco mais ou menos começou a entrar no Hospital os oficiais de todos os corpos, os Comandantes da Canhoneira Tejo e da Guarda Policial, oficiais inferiores também de todos os corpos, sendo em maior número os da guarda policial e alguns cidadãos. Às quatro horas e três quartos, pouco mais ou menos, retirei-me do Hospital para uma casa próxima e dei então ordens para o enfermeiro sobre como havia de ser o enterro de Mesquita, e que sendo cinco horas e meia o fizesse sair. Retirei por conveniência do serviço de que me achava encarregado pois que procurava evitar quaisquer exigências, que eu naturalmente não poderia satisfazer, ou quaisquer perguntas ou reflexões sobre este assunto, de que poderiam resultar consequências desagradáveis, pois via-se no semblante de todos um certo descontentamento. E para que não houvesse qualquer caso pouco

⁴⁶ Trata-se da filha mais nova do Coronel Mesquita, Iluminada Maria de Mesquita, que pelos seus amores com o médico naval, Augusto César de Campos Vidal, foi a causa da horrível tragédia da noite de 19 de Março de 1880. Acerca deste médico escrevia Camilo Pessanha no jornal *A Verdade*, ano 2^o, N^o 93, de 25 de Agosto de 1910 : “Ainda em um dos últimos anos os diários de Lisboa noticiaram um dia, entre diversos crimes, desastres e misérias, que uma pobre rapariga, por desilusões de amor, se suicidara, precipitando-se de um quarto andar sobre o lajedo do passeio. Traziam o nome e a posição social do indivíduo que provocara essas desilusões. Quase ninguém reconheceu decerto esse nome e se lembrou de que mais de vinte anos antes andara também associado tristemente à retumbante hecatombe da bica do Lilau. Fado negro acompanhou essa vida, que pouco tempo volvido sobre este último lampejo de triste notoriedade, se extinguiu miseravelmente envenenado pelos miasmas dos paus de Bolama”.

agradável, que poderia naturalmente provir duma grande aglomeração de pessoas descontentes, da casa onde me achava, sendo cinco horas, mandei ordens ao enfermeiro para que fizesse sair imediatamente o féretro, o que se fez. Os oficiais quase todos estavam de grande uniforme e acompanharam o féretro de chapéu na mão. Não fui ao Cemitério por mesmo motivo acima exposto, mas fiz as diligências precisas para saber se os que assistiam ao enterramento praticariam actos que fossem em desconsideração das autoridades superiores, mas vim a saber que nada houve. Chamado hoje a esta administração o enfermeiro do Hospital de S. Rafael para declarar se houve algum facto que importasse desconsideração às autoridades ou tentativa de algum desacato em detrimento da ordem pública, disse-me que nada houve a este respeito ; que lhe parecia ver uma certa excitação de ânimos dos que ali se achavam para acompanhar o féretro e que ao sair este o comandante da Guarda Policial dizia o seguinte : “quem é que manda aqui ?”. Ao que ele (enfermeiro) respondera “Sou eu como encarregado do estabelecimento e em virtude de ordens da autoridade competente” e o referido comandante nada mais disse. Declarou mais que o cidadão António Teles fazia considerações sobre o facto de não ter sido o féretro coberto com a capa da Misericórdia. Convidado o Rev. Cura da Sé para o mesmo fim, e se houve além disso alguma ofensa directa ou indirecta contra si feita pelos militares e outras pessoas que acompanharam o enterro dos cadáveres da mulher e filha do Coronel Mesquita respondeu-me que nada houve. Por enquanto nada mais tenho a relatar a V. S^a. sobre este assunto.

Deus guarde a V. S^a. – Administração do Concelho de Macau, 22 de Março de 1880.

Exm^o. Sr. Secretário Geral do Governo

O Administrador

L. Ferreira

Bibliografia

AGOSTINHO, Santo . *Confissões* , tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, prólogo de Lúcio Craveiro da Silva, Edição da Livraria Apostolado da Imprensa, 11^a edição, 1984.

ALVES, Ana Cristina . *Uma Viagem de Muitos Quilómetros Começa Por Um Passo. Crónicas da China*, COD, Macau, 2004.

ARESTA, António . “Francisco Xavier Rondina”, *Jornal Tribuna de Macau*, 18.11.2010.

ARESTA, António , BARATA, Aureliano e SILVA, Albina Santos . *Documentos para a História da Educação em Macau*, Vol. I, prefácio de Jorge Rangel, Edição da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 1996.

ARESTA, António e BARATA, Aureliano . *Lyceu Nacional de Macau, genealogia de uma Escola*, prefácio de Albina Santos Silva, Edição da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 1996.

ARNOSO, Conde de . *Jornadas pelo Mundo*, Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1916.

BARATA, Aureliano . *O Ensino em Macau, 1572-1979* , Edição da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 1999.

BETTENCOURT, Mathilde de Sant’Anna e Vasconcellos Moniz . *Diálogos entre uma Avó e sua Neta para uso das Crianças de Cinco a Dez Anos de Idade*, Edição da Imprensa Nacional, Lisboa, 1862.

BETTENCOURT, Padre Tomás (org.) . *Textos de D. João Paulino. Provisões e Outros Escritos*, Vol. I, Fundação Macau, 1997.

COSTA, Peregrino António da . *De feza do Darwinismo : refutação d’um artigo do jornal ‘Catholic Register’*, Hongkong, 1880.

_____. *Análise do Sermão pregado pelo reverendissimo Senhor António Maria Augusto de Vasconcellos na Sé Catedral de Macau em 6 de Maio de 1881*, Hongkong, 1881.

FERREIRA, Leôncio Alfredo . *Um Brado pela Verdade ou a Questão dos Professores Jesuítas em Macau e a Instrução dos Macaenses*, Macau, Typographia Mercantil, 1872.

_____. *Meditações*, apresentação e notas de António Aresta, Fundação Macau, 1998.

FORJAZ, Jorge . *Famílias Macaenses*, Instituto Cultural de Macau\Fundação Oriente, 4 vols., 1996.

FRANCO, José Eduardo . *O Mito dos Jesuítas. Em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI a XX)*, Gradiva, 2 vols., 2006\2008.

GOMES, P. João Pinto . *Breve Relação de uma terrível perseguição contra a Santa Religião Catholica e seus operários, sucedida no Império da China na Corte de Pekim, em 1805, composta por testemunha ocular, com huma breve notícia das cousas mais notáveis daquele famoso império*, Porto, Typographia Vasconcellos, 1839.

GOMES, Luís Gonzaga . *Macau, Factos e Lendas*, edição Quinzena de Macau, Lisboa, 1979.

- JESUS, Carlos A. Montalto de . *Macau Histórico*, introdução de Carlos Estorninho, Livros do Oriente, 1990.
- MARQUES, Lourenço Pereira . *A Validade do Darwinismo*, Hongkong, International Printing Office, 1882.
- MENDES, Margarida Vieira . “O conceito de poesia na 2ª metade do Século XIX à luz dos Prefácios de então – persistência do romantismo”, in, Vários, *Para uma História das Ideias Literárias em Portugal*, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.
- PINTO, Cónego Dr. Costa . *O Livro das Famílias Christãs. Mosaico de Leituras Amenas e Instrutivas, escolhidas, compostas ou trasladadas* , Livraria Costa Santos, Porto, 2ª edição, 1875.
- RONDINA, Francisco Xavier . *A Educação*, Typographia do Seminário, 1887.
- SWEETING, Anthony . *Education in Hong Kong, Pre-1841 to 1941*, Hong Kong University Press, 1990.
- TEIXEIRA, Padre Manuel . *Galeria dos Macaenses Ilustres do Século XIX*, Imprensa Nacional, Macau, 1942.
- _____ . *A Educação em Macau*, Ed. Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, Macau, 1981.
- TONG, Général Tcheng-Ki- . *Les Plaisirs en Chine*, Paris, G. Charpentier Et Cª, Éditeurs, 1890.
- VASCONCELLOS, António Maria Augusto . *Sermão Pregado na Sé Cathedral de Macau na Primeira Domingo de Quaresma em 6 de Março de 1881, no qual sam refutados alguns pontos do systema darwiniano, com referencia ao homem e à religião catholica*, Typographia Mercantil, Macau, 1881.
- VIANA, Pedro de Amorim . *Analyse do Curso Elementar de Philosophia de A. Ribeiro da Costa e Almeida*, Porto, Typographia do Jornal do Porto, 1864.
- YONGZHENG , Imperador . *Amplificação do Santo Decreto \ Manual da Língua Sínica Escripta e Fallada \ Primeira Parte \ Língua Sínica Escripta*, versão portuguesa e organização de Pedro Nolasco da Silva, edição bilingue, Macau, Typographia Mercantil, 1903. Reedição fac-similada, com prefácio de António Aresta, Fundação Macau, 1995.